CDU. 869.0(81) Lobato 7.07

APRESENTAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

José Carlos Barbosa Moreira

Da obra *Monteiro Lobato, textos escolhidos.* Rio de Janeiro, Agir, 1967, p. 5-14 (coleção *Nossos Clássicos,* n. 65)

SITUAÇÃO HISTÓRICA — Nascido na penúltima década do século passado e morto quando o atual ia chegando ao meio, atravessou Monteiro Lobato um período de ricas e complexas transformações na história política, social e cultural da humanidade. Não será exagero dizer que assistiu ao desmoronar de uma civilização e aos primeiros ensaios, incertos, hesitantes e por vezes desatinados, que os homens vêm fazendo para construir um mundo novo sobre os escombros do antigo. Apanhou o fim da era liberal, individualista, naturalista, alguns de cujos aspecos lhe deixariam, no pensamento e na obra, influência duradoura. Mas foi testemunha da grande explosão que lançou pelos ares a harmonia artificial da velha ordem: viveu bastante para presenciar as duas terríveis conflagrações que encerraram com estrondo, num trágico *finale,* a sinfonia burguesa.

As violentas mudanças políticas e sociais desse *tournant* da história não poderiam deixar de repercutir num espírito irrequieto e curioso como o de Monteiro Lobato. Não ficou ele, como se sabe, insensível à sedução das vitórias conquistadas pelo socialismo. Aliás, desde os tempos acadêmicos que lhe bailavam na mente idéias socialistas, jamais vitalmente assimiladas, talvez, por uma personalidade de tão nítido corte individualista. É provável, entretanto, que nenhuma outra componente do novo *Zeitgeist* lhe haja imprimido marca tão profunda

como a do formidável impacto do progresso tecnológico. Lobato sempre teve o culto da eficiência, e os seus pendores "esquerdistas" não puderam impedí-lo de admirar intensamente as grandes realizações da energia norte-americana. No fundo, vislumbra-se aí um traço herdado da mentalidade oitocentista e do seu entusiasmo às vezes ingênuo pelo progresso material como fator julgado capaz, por si só, de servir de base ao indefinido aperfeiçoamento da civilização e do próprio homem.

Lobato viveu o suficiente para assistir a muitas descobertas revolucionárias, desde a navegação aérea dirigível até a desintegração do átomo. Por pouco não atingiu a idade dos satélites artificiais, das explorações cosmonáuticas e das superbombas. . . Preocupava-o de maneira absorvente a necessidade de difundir no Brasil os benefícios da ciência e da técnica moderna. Tempo houve em que atribuiu à quinina a missão de redimir o povo brasileiro, cujas más condições de saúde seriam as causas primeiras do atraso nacional; mais tarde, essa função salvadora se transferiria para a exploração dos nossos recursos minerais — do ferro e, depois, do petróleo, pelo qual o nosso autor quebrou lanças anos a fio e chegou a ver-se metido na cadeia.

No plano da história pátria, a vida de Monteiro Lobato estende-se do ocaso do Império até a aurora da Terceira República. Criança ainda, presenciaria a derrocada do regime servil e, logo após, a das instituições monárquicas. Serenada a agitação dos primeiros anos da República, a infância do presente século seria como um hiato de tranqüilidade e euforia, reflexo seródio do otimismo vitoriano neste lado do Atlântico, derradeiro clarão no crepúsculo de uma era que em breve se afundaria no caos. Duraria pouco em nosso país, como em todo o mundo, aquele risonho intervalo: não tardaríamos a entrar em nova fase de perturbações, de motins, de conflitos políticos, de levantes militares. Dobrada a esquina que foi o ano de 1922, precipitava-se a torrente, sem que as carcomidas estruturas do *ancien régime* lhe pudessem opor uma resistência eficaz. Logo viria a revolução de 1930, depois a instauração da efêmera Segunda República. . . Com a ditadura estado-novista adotaria o Brasil a moda totalitária que então grassava, e que hoje, segundo parece, volta a alastrar-se, sob feições aparentemente diversas. Mas Lobato já estaria ausente do cenário das novíssimas fermentações, tendo apenas chegado a ver a queda do Estado-Novo e a redemocratização política do país, dois anos antes de sua morte.

Do ponto de vista literário, nasceu Monteiro Lobato em plena era realista. Sua infância coincidiu com o fastígio do romance naturalista e da poesia parnasiana entre nós: em 1881 Aluísio Azevedo publicara *O Mulato,* e em 1883 Bilac dava à luz seus primeiros versos. Atravessaria Lobato a geração simbolista e as duas primeiras fases do movimento modernista do qual não participou direta-

mente, chegando a ter com ele incidente que se tornou famoso. Seu entranhado individualismo sempre o impediria, aliás, de integrar-se em escolas ou correntes literárias — da mesma forma que o impediu de enquadrar-se na rígida estrutura do Partido Comunista. Foi, em seu período de assídua dedicação às letras, um dos grandes solitários da literatura nacional, como Jackson de Figueiredo, Humberto de Campos e alguns outros. Nem por isso deixou de prenunciar, em vários aspectos de sua obra, a vaga de renovação estética que inundaria o Brasil na década dos 20.

ESTUDO CRÍTICO — Diante de uma figura como a de Monteiro Lobato é natural que a crítica se divida e se resolva em contradições por vezes violentas. Tudo nele foi sempre muito *marcado,* desde a personalidade até o estilo. Sua presença foi por demais *atuante,* quer no cenário propriamente literário, quer no político-social, para permitir, na maior parte dos comentadores, uma atitude de serena objetividade. Não admira que a crítica lobatiana se alce em certos casos a um endeusamento febril e desça noutros à navegação total ou quase total. A posição sensata, evidentemente, aqui como alhures, é a dos que se esforçam por discernir, na pessoa e na obra de Lobato, os aspectos positivos, válidos, permanentes, sem desconhecer-lhe as limitações e deficiências. O essencial, como ponto de partida para qualquer valoração justa, é distinguir, de acordo com uma sugestão de Alceu Amoroso Lima, as *três faces* de Monteiro Lobato: o homem de ação, o homem de idéias e o escritor — sem deixar que as simpatias ou antipatias despertadas por uma delas comandem tal ou qual mecanismo de preconceitos na apreciação das outras.

Aqui, por amor à brevidade, teremos de nos concentrar no Lobato escritor, e ainda assim pondo de lado uma parte bastante significativa da sua produção literária, aquela que mais lhe valeu, talvez, a notoriedade até internacional alcançada em certa época: os livros para crianças. As outras componentes lobatianas só nos referiremos na medida em que essa referência fôr útil à compreensão da primeira. Aliás, já no bosquejo da "Situação Histórica" de Lobato aludimos às principais coordenadas de seu pensamento. Ideologicamente, foi um bom filho do século XIX, por sua fé cientificista, por sua ilimitada confiança nas possibilidades e nas excelências da técnica, por sua visão puramente naturalista do mundo. Jovem ainda, embebeu-se de positivismo, de evolucionismo, de materialismo. A essas influências, que perduraram, viria acrescentar-se a de Nietzsche, por quem Lobato nutriu veemente admiração, e cuja leitura não se cansava de recomendar a Godofredo Rangel, ao longo de numerosíssimas cartas. Politicamente tendeu, desde a mocidade, para um "socialismo meio anárquico, meio romântico, produto mais do sentimento do que da razão", como observa com acerto Edgard Cavalheiro. No fim da vida, manteve animado "namoro" com o Partido Comunista, ao qual, porém, não chegou a filiar-se. Era difícil a uma personalida-

de como a sua aceitar a rígida disciplina partidária; e, além disso, o próprio Lobato confessava-se antes "georgista" que marxista, sobrepondo as idéias econômicas e sociais de Henry George às do autor de *O Capital.*

Em semelhante perspectiva, nada há de surpreendente no diapasão por que se afinam as idéias lobatianas acerca do tema religioso. Sua atitude reedita a de Lucrécio: a religião nasce do medo e alimenta-se da ignorância — ou então, do desejo de obter por baixo custo a "tranqüilidade de consciência". A crença no sobrenatural, a obediência a igrejas e a dogmas, segundo Lobato, "destrói a liberdade moral — essa conquista suprema para os homens superiores, mas perigoso embaraço para o rebanho humano". O "rebanho" compraria a tal preço a segurança interior, a paz de espírito. É a mesma pauta crítica em que viria a inserir-se o existencialismo sartriano, levando a idéia às suas últimas conseqüências. Lobato morreu quando Sartre ascendia no horizonte filosófico do último pós-guerra; não é provável que o escritor brasileiro tenha conhecido a obra do pensador francês, mas, de qualquer maneira, vale a pena registrar a coincidência do prisma. . .

Seria vão, assim, procurar na obra lobatiana uma dimensão religiosa ou espiritual. O mundo da sua ficção tem as dimensões do mundo físico; falta-lhe a vertical profunda do espírito. Sua própria psicologia é, geralmente, superficial, esquemática; muito hábil na pintura de traços fortes, largos, caricaturais, o escritor abstém-se de maiores incursões pela zona de penumbra onde palpitam os grandes mistérios da alma humana. Evita-a quase instintivamente, por uma intuição certeira de sua pouca aptidão para trabalhar a matéria. Sutilezas e complexidades psicológicas não eram, positivamente, o seu terreno de eleição. Para o que vinha à tona, para o que aflorava na pele da alma, a sua visão era aguda e exata: sabia fixar com precisão e com graça o brusco, o inesperado, o ostensivo, o desconcertante de um gesto, de uma atitude, de uma reação. Inexistiam, porém, na sua palheta os meios-tons, os matizes delicados com que pudesse representar adequadamente os estados d'alma menos definidos, o jogo intrincado das contradições e das ambivalências, o claro-escuro das motivações profundas e dos conflitos não formulados.

Talvez seja em parte por isso que, conforme nota Edgard Cavalheiro, "nunca o vemos dentro de qualquer personagem. Está sempre de fora, manejando os cordéis sem participar do drama ou da comédia". É como se escolhesse, de caso pensado, a perspectiva mais favorável ao exercício dos seus dotes de observador minucioso das superfícies. "O retrato que traça de qualquer personagem ou ambiente", escreve ainda o mesmo crítico, "é sempre de carteira de identidade: fiel, objetivo, autêntico. Facilmente reconhecível. Tais retratos não atingem maiores grandezas por faltar-lhe, talvez, maior poder criador. Lobato possuía

imaginação reprodutiva. Partindo do fato objetivo, seria capaz de alçar vôo. Mas não possuía imaginação conceptiva, não dando, como se diz, 'forma aos anjos'. Daí a ausência de mistério em seus contos". Daí também, acrescente-se sem muito temor de erro, a sua incapacidade para o gênero romance. Era no conto que ele podia triunfar, e na verdade triunfou; porque no conto, ainda que centrada a estrutura num personagem, o interesse pela pessoa é meramente episódico, ou quando menos unilateral: o conto, em regra, não nos dá *a pessoa inteira,* mas *a pessoa numa situação,* ou *a pessoa vista por um lado.* Ora, Lobato era mestre em armar situações interessantes e em fotografar o lado mais saliente ou mais pitoresco de uma personalidade: é óbvio, por exemplo, que Aldrovando Cantagalo não podia resumir-se, *como pessoa,* na paixão pela gramática em geral e pela boa colocação dos pronomes em particular; mas é desse ângulo, e só desse, que Lobato o focaliza no célebre conto. O resultado, que no caso é excelente, seria muito outro se se tratasse de um romance.

Essas peculiaridades do autor explicam as principais características de sua arte de contista. Primeiro, a estrita fidelidade ao conceito clássico de *conto,* como uma peça literária essencialmente *narrativa,* que de fato *conte* alguma coisa: uma *história,* no sentido tradicional do termo. Nada de devaneios, reflexões, dissertações: o conto, para Lobato, deve extremar-se do ensaio, deve ter enredo, "com princípio, meio e fim". . . Invoca nosso autor os exemplos de Kipling e Maupassant, que considera seus mestres. E escreve a Rangel: "Quero contos (. . .) concentrados em que haja drama ou que deixem entrever dramas. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados. (. . .) E conto que ele possa resumir e contar a um amigo — e que interesse a esse amigo".

O exagero nessa direção levaria por vezes Lobato a prender-se demais ao episódico e até ao anedótico, aproximando alguns contos seus do domínio da crônica. O escritor mesmo o sentiu, como se vê neste outro fragmento de carta: "Nunca escrevi contos e não sei se me será coisa possível. O que eu considerava contos, se releio agora me sabem a crônicas com pretensões humorísticas". A questão, muito discutida por certos críticos, parece-nos secundária: as fronteiras entre os gêneros têm apenas valor metodológico, e não ontológico. O que importa é mostrar como aquela tendência corresponde a um dado básico da estrutura mental lobatiana: o seu desamor pelas elaborações mais longas e pelas investigações em profundidade.

Dentro de tais limites, os contos de Lobato são, em geral, habilmente construídos. Os vários elementos e planos da narrativa, dispostos e combinados com fino senso das proporções, articulam-se num todo arquitetonicamente sólido e harmonioso. Nosso autor, sem dúvida, manejava bem a técnica do gêne-

ro, se entendermos "o gênero" como ele próprio o entendia. Mas é significativo que se sentisse mais à vontade no tratamento de assuntos jocosos, ou pelo menos tragicómicos, onde podia dar largas ao seu inegável talento satírico. Nas histórias propriamente dramáticas, às vezes lhe escapam traços mais grossos, pinceladas de gosto duvidoso; certas páginas tresandam a melodrama barato. A sátira suporta melhor a presença de uma ou outra nota mais forçada; e nela, de qualquer modo, as eventuais vulgaridades são decerto compensadas pelo que há de realmente espirituoso, vivo e colorido no jeito lobatiano de narrar.

No plano da linguagem a contribuição de Lobato foi original e poderosa. O seu estilo, aqui e ali impregnado do "ranço camiliano", revela, entretanto, no conjunto, uma inconfundível marca pessoal, e trouxe um sopro novo às letras brasileiras. Monteiro Lobato sempre desejou ser pintor; os seus melhores críticos e ele mesmo assinalaram o imenso débito de sua obra de escritor para com esse gosto pela pintura. Vem daí, certamente, a preocupação de escolher o tom exato, a imagem mais nítida, mais vigorosa, mais expressiva. Esforçava-se Lobato por colocar a cena evocada ao alcance da visualização concreta do leitor — por "pintar com palavras", como ele próprio declarou. E algumas de suas páginas descritivas incluem-se entre as melhores de toda a nossa literatura. No afã de obter o efeito cromático preciso, não hesitava Lobato em promover insólitas aproximações de vocábulos, nem, quando lhe parecia necessário, em criar verdadeiros neologismos. Queria forjar uma linguagem capaz de refletir, em toda a sua riqueza de colorido, em toda a sua violência de contrastes, a multiforme realidade da terra e do homem brasileiro.

Nesse sentido, não é absurdo considerá-lo, por certos aspectos, precursor da revolução modernista, que iria explodir em nossos arraiais literários quando Lobato já era famoso e tinha realizado completamente a sua obra de contista — ou seja, a parte mais significativa de sua literatura "para adultos". Muito se tem discorrido acerca das razões subjetivas e objetivas do desentendimento entre o nosso autor e os modernistas; houve quem o atribuisse a provincianismo, a falta de cultura e de curiosidade quando não a despeito ou a orgulho. É impossível, evidentemente, reconstituir com precisão fotográfica a trama das causas profundas que explicariam a aversão lobatiana ao movimento de 1922. Mas talvez não esteja longe da verdade Edgard Cavalheiro, quando confere papel de relêvo, nesse conjunto à desconfiança de Lobato contra o que lhe parecia ser mais um "estrangeirismo". "As idéias modernistas", escreve o crítico, "não vinham impregnadas do cheiro e do desconcerto da terra. Eram alienígenas, artigos importados. Para ele (Lobato), a França — de onde provinham tais ideias — estava nos ponto *faisandés* antes do tempo". Com efeito, desde o início de sua carreira, nosso autor viveu empenhado numa campanha tenaz contra a subserviência nacional aos caprichos da moda estrangeira. A insistência com que fere essa tecla, por exem-

plo, nas cartas a Godofredo Rangel, bem mostra quão profunda e constante era a sua preocupação com a necessidade de desatrelar do carro europeu a literatura brasileira e fazé-la seguir o seu próprio caminho.

Aí está, de fato, a essência do nacionalismo lobatiano: expressão de uma revolta contra a mania de imitação, tão difundida em certas rodas; contra a cópia servil de modelos estrangeiros, na cultura e em tudo mais: contra a macaqueação da Europa e (naquela época) principalmente da França. Não havia nele, porém, exaltação cega e indiscriminada dos valores nacionais. Muito ao contrário: a sinceridade por vezes rude com que denunciava as mazelas indígenas veleu-lhe, em mais de uma ocasião a pecha de pessimista ou derrotista, quando não a de antibrasileiro. A injustiça é patente: Monteiro Lobato interessou-se profundamente pela sorte do seu país e do seu povo; e, para melhorá-la, fez esforços concretos que não devem ser subestimados. Pode-se objetar, sem dúvida, à sua colocação em face do problema nacional; do primitivo entusiasmo pelas campanhas sanitárias e educacionais, ele passaria mais tarde a uma acentuação exclusivista dos aspectos e fatores econômicos: veria na exploração mais intensa das nossas riquezas minerais o instrumento por excelência da redenção do "Jeca" e da transformação do Brasil. Não chegou a perceber que a questão era mais ampla. Não chegou a entender — apesar do seu namoro com o Partido Comunista . . . — a necessidade de reformas estruturais que dessem ao homem do campo outro *status,* à altura da sua natureza de *pessoa.* Não compreendeu que o problema, longe de ser apenas econômico, era também, e sobretudo, social, ou, com mais propriedade talvez, moral: um problema de justiça — correção de estruturas iníquas, eliminação (ou pelo menos atenuação) de desníveis ofensivos à dignidade humana. Que o aumento da riqueza nacional não importa necessariamente melhor distribuição, podendo até, em certos casos, significar antes o contrário; que a elevação da produtividade nem sempre constitui, por si só, fator de promoção do bem comum, eis o que não parece ter ocorrido a Lobato, como não ocorreria, em período mais recente, aos teóricos do "desenvolvimentismo" — filosofia de governo a que talvez aderisse o autor de *Negrinha,* se tivesse chegado a viver mais alguns anos. . .

Mas, afinal, Lobato não era um sociólogo, nem um pensador. A pintura literária do "Jeca" não foi um ensaio de ciência social, nem um manifesto político, e muito menos um estudo filosófico. Nela seria vão buscar uma interpretação profunda do fenômeno descrito; o que Lobato ofereceu ali à apreciação do país foi, como sempre, um *quadro:* um painel colorido, vivo, pitoresco, executado com linhas firmes e em tonalidades berrantes. É verdade que muito da força descritiva de *Urupês* tem raízes na indignação despertada no fazendeiro Lobato pela maneira de ser, pela conformação psicológica, pelo gênero de vida do caboclo. Este tipo humano costumava ser decantado e glorificado idealisticamente

por alguns herdeiros da velha tradição indianista; mas a realidade que se impunha aos olhos de Lobato, na pele dos colonos da sua "Buquira", desmentia sem piedade as fantasias daqueles românticos retardatários. A desconformidade irritava o escritor; mais ainda o irritavam, talvez, os prejuízos financeiros atribuídos à incúria, à preguiça e à ignorância dos lavradores; e de toda essa irritação alimentou-se o desejo de perpetrar uma "vingança" literária. A obra lobatiana está repleta, aliás, de produtos congêneres; o próprio autor confessou certa vez, provavelmente com exagero, que a indignação era "o único sentimento que o animava a escrever". No caso do "Jeca", Lobato veio a afligir-se, mais tarde, com a repercussão da "vingança". Dominado, em certa época, pela impressão de que a sua fama literária repousava quase exclusivamente sobre a caricatura do roceiro, incomodava-se com isso e chegava a sentir remorsos da crueza com que o tratara na célebre página.

A carreira literária de Monteiro Lobato apresenta um perfil curioso: o que a sua produção oferece de mais autêntico, de mais resistente ao desgaste do tempo, se excetuarmos os livros para crianças, está sem dúvida contido nos seus primeiros trabalhos, ou mais exatamente, nos três volumes de contos que abrem a primeira série das *Obras Completas* publicadas pela Editora Brasiliense: *Urupês, Cidades Mortas* e *Negrinha.* O que se seguiu pode ser considerado "literatura de circunstância", Lobato produziria muito ainda, em diversos gêneros: páginas críticas, ensaios sobre temas políticos, sociais e outros, artigos, prefácios, e até uma tentativa malograda de romance *(O Presidente Negro ou o Choque das Raças).* Mas nenhum desses trabalhos acrescenta grande coisa à significação da sua obra: aqui e ali, vê-se que o escritor subsiste, mas sem o vigor do começo; ele mesmo, aliás, declarou-se várias vezes desinteressado, a partir de certo momento, de literatura que não fosse a infantil, preferindo concentrar-se em outras atividades. Nos dois últimos volumes da referida edição, sob o título *A Barca de Gleyre,* enfeixaram-se as centenas de cartas dirigidas, ao longo de quarenta e poucos anos, a Godofredo Rangel. A leitura desse epistolário é quase sempre saborosa e contribui para o melhor conhecimento, não só do homem Lobato, mas também das idéias e preocupações que lhe nortearam a evolução literária.

Na organização da Antologia para o presente volume, tolhidos pela limitação do espaço, julgamos preferível oferecer ao leitor, pelo menos, uma amostra sugestiva, conquanto inevitavelmente incompleta, da essência da arte lobatiana. Por isso, limitamo-nos ao Lobato contista, abrindo apenas uma exceção para o celebérrimo *Urupês,* cuja ausência provocaria escândalo. A própria seleção dos contos não era fácil, vimo-nos forçados a deixar de fora vários trabalhos que nada ficam a dever aos incluídos. Evidentemente, houve muito de subjetivo no critério de escolha. Alguém criticará talvez, por exemplo, a manifesta preferência

por páginas de teor satírico; é que essas nos parecem as mais representativas do espírito lobatiano. Em todo caso, a nota dramática faz-se presente, através de *Negrinha* e *O Jardineiro Timóteo* . Não tivemos, convém repetir, a pretensão de exibir as várias faces de uma obra vasta e polimorfa; mas, sim, a esperança de dar ao leitor uma impressão suficientemente viva das suas melhores qualidades.



Retrato de Lobato, no jubileu da coletânea "Urupês"